



RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Maria da Conceição Oliveira*

Lenita Maria Korbes**

RESUMO

O presente artigo teve como propósito verificar as concepções afetivas em sala de aula e refletir sobre as implicações da relação professor e aluno no processo aprendizagem, a fim de entender como as relações afetivas contribuem no desenvolvimento do aluno. A pesquisa empírica foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2010, na escola Municipal de Educação Básica Thiago Aranda Martin, situada na Avenida Alexandre Ferronato número 1200 setor industrial no município de Sinop-MT. Utilizamos para a fundamentação teórica, Nelson Piletti, Paulo Freire, Pedro Morales, Izabel Galvão, Otavio Cruz Neto Pedro Demo e Augusto Triviños A metodologia da pesquisa foi de abordagem qualitativa, por acreditar que a mesma nos colocaria em um contato com os sujeitos da pesquisa, e para coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e gravadas e observação participante com alunos e professores do 2º e 3º ano. Através da análise de dados foi possível verificar as implicações afetivas na relação professor e aluno no processo aprendizagem.

Palavras-chaves: Educação. Afetividade. Relação professor-aluno. Ensino Fundamental.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa cujo tema é relação-professor no processo de aprendizagem teve como propósito discutir como a afetividade pode ajuda nas interações que acontecem em sala de

* Acadêmica do 7º semestre do Curso de Pedagogia, *Campus* Universitário de Sinop, UNEMAT. Pertence ao grupo de orientação da professora Ma. Lenita Maria Korbes.

** Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (1995) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Rosa. Atualmente é professora na Universidade do Estado de Mato Grosso. Tem experiência na área de educação, com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação matemática, educação ambiental-séries iniciais do ensino fundamental, educação continuada, formação de professores e avaliação de aprendizagem.

aula. Nesse sentido o trabalho teve como finalidade compreender até que ponto o relacionamento afetivo entre professor/aluno pode interferir negativamente ou positivamente no processo de aprendizagem. O interesse por essa pesquisa surgiu no decorrer da minha caminhada acadêmica onde os conhecimentos adquiridos me possibilitaram fazer uma análise dos meus primeiros anos do ensino fundamental, percebendo assim as dificuldades nessa relação e quanto isso interferiu no meu aprendizado.

Assim objetivou-se analisar a relação afetiva entre aluno e professor no processo de aprendizagem e refletir sobre suas implicações. Quanta abordagem metodológica optou pela pesquisa qualitativa, pois segundo Demo (2004, p. 34) “o analista qualitativo observa tudo, o balançar da cabeça, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar.” Assim essa pesquisa foi desenvolvida com observação participante nos auxiliando na compreensão da realidade dos acontecimentos, pois permite um contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, permitindo uma melhor descrição de todas as situações.

2 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada aconteceu numa abordagem qualitativa a qual segundo Demo (2004, p. 30) “a informação qualitativa é resultado da comunicação discutida, na qual o sujeito pode questionar o que se diz, e o sujeito-objeto também”. A presente pesquisa teve como objetivo observa como está sendo feito o contato entre aluno e professor e quais as implicações dessa relação. Nesse sentido foram coletados dados através de observações e entrevistas semi-estruturas com duas professoras e três alunos do segundo e terceiro ano do ensino fundamental.

Para Triviños (1987, p. 146):

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam á pesquisa, e em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Segundo Neto (1994, p. 59) “a técnica de observação participante se realiza através do contato do pesquisador com o fenômeno observado.” A observação participante permite ao observador uma maior compreensão e experimentar a situação vivida do espaço observado.

A escola pesquisada foi à escola Thiago Aranda Martin localizada no município de Sinop-MT, a escola atende alunos na sua maioria de baixa renda, oriundos da zona rural e uma grande maioria depende do transporte publico para chega até a escola. As professoras

entrevistadas foram a professoras A e B sendo que a primeira havia se formado em faculdade à distância e dava aula a mais de dez anos, a professora B havia se formado recentemente, ambas tinham uma carga horária de quarenta horas semanais e eram contratadas pelo município. Os alunos e professoras foram escolhidos de forma aleatória para a realização da pesquisa. As observações foram feitas nos meses de outubro e novembro 2010, acontecendo geralmente três vezes por semana, com uma turma do 2º e 3º ano, com média de vinte e cinco alunos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O ser humano tem por natureza a necessidade de estar na companhia de outros, sendo isso uma forma de sobrevivência ou condição para o desenvolvimento, “as primeiras semanas da vida são inteiramente dominadas por funções de ordem fisiológicas, vegetativas: além da respiração, contemporânea do nascimento, são o sono e a fome um sentimento confuso do próprio corpo” (GALVÃO, 1995, p. 116), se por algum motivo um recém nascido for abandonado, provavelmente morrerá se não receber cuidados básicos, como higiene, alimentação e estímulos até mesmo locomoção, comprometendo o seu desenvolvimento natural.

No ambiente escolar se faz necessário que o professor conheça e respeite a individualidade de cada aluno, passando de fato a contribuir na sua formação de maneira clara, permitindo que o aluno adquira os níveis de evolução adequados a cada idade, sem atropelar ou forçar essa evolução. A sala de aula é um ambiente onde os sentimentos estão presentes e se modificando o tempo todo, Galvão (1995, p. 105) afirma que:

Nas interações marcadas pela elevação da temperatura emocional, cabe ao professor tomar a iniciativa de encontrar meios para reduzi-la, invertendo a direção de forças que usualmente se configura: ao invés de se deixar pelo descontrole emocional das crianças, deve procurar contagiá-las com sua racionalidade.

A educação formal deve ter como propósito auxiliar o aluno muito mais do que ler e escrever, proporcionando conhecimentos que contribuam de fato para sua formação pessoal. Para Freire (2007) a educação tem um papel essencial na vida do indivíduo e quando a criança vai a escola ela amplia seus conhecimentos e o professor tem participação nesse processo educativo, contribuindo diretamente na formação do aluno. Para o autor o professor deve propiciar ao aluno, “uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando.” (FREIRE, 2009, p. 10), pois o professor não é dono da verdade, e tem a tarefa de mediar o conhecimento em sala de aula, para Freire (2009, p. 23), tanto o

aluno precisa do professor quanto o professor do aluno, e essa relação traz crescimento para ambas as partes ele considera que: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprender ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém.”

No entanto, o aluno também precisa ter claro suas, responsabilidades e deveres, respondendo a confiança que lhe é dada. Para Morales a interação em sala de aula pode ser feita de várias maneiras, sendo que o professor é uma peça fundamental na construção das relações afetivas e sinceras, é fundamental que o aluno se sinta à vontade e em segurança quando estiver na sala de aula. O autor considera que:

O modo como se dá nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias que damos, como em própria satisfação pessoal e profissional, porque nossa relação com os alunos deve ser considerada uma relação profissional. Precisamos por se tratar de uma tarefa profissional, não podemos deixar de lado um aspecto que diz respeito diretamente á eficácia do que fazemos (MORALES, 2008, p.10).

É interessante salientar os resultados não-intencionais que um professor pode causar no aluno, até mesmo sem se dar conta disso, pois na prática o professor tem como meta ensinar os alunos determinadas matérias e não a odiar as matérias, “podemos ensinar algumas tantas coisas, e outras diferentes com o que somos, com nossa maneira de nos relacionar com os alunos” (MORALES, 2008, p.17). Quando o professor é comprometido com a educação de qualidade, também é comprometido com o aluno, facilitando a relação entre os sujeitos e à aprendizagem de ambas as partes.

4 ANÁLISE DOS DADOS

As professoras entrevistadas foram, professora A, que é formada em uma faculdade à distância, dava aula a mais de dez anos, professora B havia se formado recentemente, atuava com carga horária de 20 horas semanal, sendo seu primeiro ano de atuação naquela escola, ambas contratadas pelo município.

Nas observações feitas em sala de aula, pude perceber que a relação entre a professora A e os alunos foi respeitosa e de certa forma havia uma preocupação de manter a disciplina. Notamos que ao chegarem os alunos tinham o cuidado de se sentarem perto dos colegas que tinham mais intimidade, porém, quando a professora chegava mudava todos de lugar justificando a tentativa de evitar as conversas e atritos. Para Piletti (2004, p. 92):

Num clima de liberdade, o aluno motivado para aprender interessa-se mais pelo que faz, confia em sua própria capacidade, produz mais e consegue alcançar seus objetivos. O trabalho em liberdade gera alegria e satisfação para quem o faz e resulta em realização pessoal e atitudes positivas em relação aos outros.

A Professora A não fazia brincadeiras ou dava sorrisos durante a aula, mas dava atenção a tudo o que os alunos falavam, mesmo sem momentos lúdicos e a expressão séria da professora notava-se que os alunos tinham um relacionamento comunicativo com a professora, e não demonstrava nenhum receio ao se dirigir à mesma. Durante as observações realizadas na sala da Professora B constatamos que os alunos aguardam sua chegada para subirem juntos até a sala de aula que fica no segundo piso, então era feita uma oração e dava-se início à aula com a arrumação das carteiras, colocava alguns no centro e as demais nas laterais com a justificativa de que assim facilitava seu acesso. Para Piletti (2004, p. 81), “as reações do professor dependem, em grande parte, da maneira como ele percebe os alunos. Convém que o professor tenha consciência de suas percepções podem ser falhas e de que podem ser modificadas”. Quando questionadas se na opinião delas o professor afetivo pode tirar a autoridade do professor? Por quê? Surgiram as seguintes respostas.

(01) Professora A: Só vem acrescentar no meu caso eu acredito que vem acrescentar, eu tiro por experiência esse ano pelo (cita o nome de um aluno) se eu falasse com ele com agressividade, gritando, apesar de que eu não sou de gritar, mas se eu falasse brava com ele, ele retribuía da mesma forma, ele abaixava a cabeça não erguia os olhos e não me ouvia, a partir do momento que eu segurei na mão dele falei (cita o nome de um aluno) eu quero assim, você assim, eu gosto de você quero que você aprenda ele passou a me olhar com outros olhos e eu também passei a olhar pra ele com outros olhos, [...].

(02) Professora B: Se pode tira a autoridade do professor, não porque a afetividade estabelece um clima é uma atitude de respeito com o aluno.

Notamos nas falas das professoras que o clima afetivo no ambiente escolar aprendizagem para ambas as parte, o “professor também aprende enquanto ensina, e o aluno, enquanto aprende, também ensina” (PILETTI, 2004, p. 21). Nesse sentido Freire nos lembra que a autoridade não deve ser confundida com o autoritarismo, para ele o professor deve sempre prezar pela democracia e liberdade do aluno.

Uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades com o aluno é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se (2009, p. 91)

Ao questionar as professoras sobre o que elas acham da afetividade na prática do professor, as mesmas mencionaram que:

(03) Professora A: Eu acho importante a afetividade, porque a afetividade tem que existir entre nós, professor e aluno, o professor passa assim, a conquistar ele, ele passa a olhar com outros olhos, ele tem que olhar com outros olhos a crianças além de chegar e passar o conteúdo, [...]. Eu acho que é importante sim a afetividade entre o professor.

(04) Professora B: Eu acho que a afetividade é uma necessidade a base primordial, porque a afetividade estabelece uma relação de proximidade e cria um vínculo entre professor aluno, no meu entender eu acredito que sem afetividade a aula não vai ser uma aula produtiva.

Percebe-se que para as professoras o bom relacionamento entre professor e aluno, faz a diferença na aprendizagem do aluno, a afetividades abre caminhos que possibilitam e que facilitam a construção do conhecimento, fazendo com que o aluno se sinta acolhido no ambiente escolar. Segundo Piletti (2004, p. 79) o aluno é um ser pensante, com opiniões, pensamentos próprios assim como o professor. O autor fala ainda que “na sala de aula, os alunos não deixam de serem pessoas para transformar-se em coisas em objetos, que o professor pode manipular jogar de um lado para outro. O aluno não é um depósito de conhecimentos memorizados que não entende”. As professoras em questão demonstraram ter consciência da importância do seu papel como docente e do respeito e carinho que cada aluno necessita.

Surgiu então o interesse e a necessidade de compreender como o aluno se vê nessa relação. Foi possível notar a insegurança de cada um e somente após um longo período de conversa informal e não referente ao tema eles se sentiram tranquilos e aos poucos as questões foram introduzidas na conversa.

Quando questionados se gostavam de ir à escola surgiram às seguintes respostas.

(05) Aluno A: Eu gosto porque as professoras são legais eu gosto da aula de educação física.

(06) Aluno B: Gosto, é bastante legal, aprende mais, também.

(07) Aluno C: Gosto por causa dos professores, eles são legais.

Notamos nas respostas dos alunos as relações de afeto e de respeito demonstrado pelas professoras, ficando explícito em suas falas, pois quando nos referimos a escola logo vem em suas palavras à figura da professora, Piletti (2004, p. 81) afirma que “um aluno vai se aproximar do professor na medida em que essa aproximação for agradável para ele”, é dessa aproximação de afeto e confiança que surgirão o interesse pela construção do conhecimento.

Na questão seguinte perguntamos se gostavam da professora e por que. Obtivemos como respostas.

(08) Aluno A: Eu gosto, a minha professora que eu mais gosto é a de português. Porque ela é legal ela é alegre, ela deixa agente brinca na sala um pouco.

(09) Aluno B: Gosto, por que ela passa um monte de tarefas pra nós, às vezes ela da giz pra nós brincar lá fora, as vezes ela leva agente na quadra pra brinca.

(10) Aluno C: Gosto.

Quando questionados se eles achavam que a professora gostava deles. Tivemos a seguintes respostas.

(11) Aluno A: Sim. Há porque assim, ela elogia todo mundo, ela gosta de todo mundo, ela não gosta só de mim, ela fica me elogiando ela elogia minha letra.

(12) Aluno B: Acho, ela deixar nós brincar no porque ela é bem legal.

(13) Aluno C: Num sei, eu acho que sim, por que toda professora gosta do aluno, né.

Comparando as repostas obtidas com a questão anterior notamos que os alunos sentem insegurança, e demonstram não saberem sobre o afeto da professora em relação a eles, mas que os atos das professoras os levam a pensar que sim. Piletti (2004) alerta para a importância de um clima que beneficie a construção do conhecimento “o comportamento do professor em relação aos alunos é de fundamental importância para que ocorra a aprendizagem”.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo buscar formas de reflexão sobre a importância da afetividade na relação professor e aluno. Os primeiros anos da vida escolar da criança são fundamentais para ela e nessa fase a criança está em plena formação de conceito e a pessoa do professor é fundamental.

O professor é mediador direto das relações de afeto na sala de aula, cabe a ele mediar o conhecimento dos conteúdos e estabelecer laços de companheirismo e ajudar os alunos, ambos se envolvem nesse processo. E faça com que essa relação seja de respeito e cumplicidade, oferecendo condições e possibilidades para que o aprendizado ocorra e vá além do campo escolar.

O caminho a ser percorrido é longo, e ainda há muito para fazer e conhecer sobre as relações afetivas, na questão professor/aluno e aluno/aluno. Sendo importante que se promova atitudes que venham ao encontro das necessidades coletivas dos alunos, com um olhar que envolva e valorize o ser humano em todas as suas dimensões.

Com a análise dos dados foi possível perceber que o professor está ciente do seu papel como mediador do conhecimento, tendo a compreensão que relação entre professor e aluno, possibilita a aprendizagem.

TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP IN LEARNING PROCESS

ABSTRACT¹

This study aimed to verify the affective concepts in the classroom and reflect on the implications of teacher-student relationship in the learning process, with the purpose of understanding how the emotional relationship contribute to the human development. The empirical research was conducted in October and November, 2010, in a Municipal School of Basic Education Thiago Arando Martin, located on the Avenue Alexandre Ferronato, 1200, Industry District, in the city of Sinop. We used as theoretical support the authors Nelson Pilleti, Paulo Freire, Pedro Morales, Izabel Galvão, Otávio Cruz, Pedro Demo and Augusto Triviños. The research methodology was based on a qualitative approach, for believing that it

¹ Transcrição realizada pela aluna Catyane Roberta Hauth, do Curso de Letras – UNEMAT / Sinop e revisão pela professora Ma. Olandina Della Justina, formada em Letras, mestra em Estudos Lingüísticos pela UFMT, professora concursada em Língua Inglesa na UNEMAT / Sinop. (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

would help us to get closer the research subjects. For data collection we used semi-structured interviews and record them and also participative observation with second and third years of High School. Through data analysis it was possible check the affective implication in the relationship between teacher and student in the learning process.

Keywords: Education. Affection. Relationship teacher-student. Basic education.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: O que é como se faz**. 7. ed. São Paulo: Loyola. 2008.

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. 17. ed. São Paulo: Ática.2004.

ENTREVISTAS

PROFESSORA A. **Professora A:** depoimento [08 out.2010]. Entrevistadora: Maria da Conceição Oliveira Sinop, MT, 2010. câmera digital (8 mim 37 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre Relação Aluno-Professor no Processo de aprendizagem.

PROFESSORA B. **Professora B:** depoimento [15 out.2010]. Entrevistadora: Maria da Conceição Oliveira Sinop, MT, 2010. câmera digital (06 mim 45 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre Relação Aluno-Professor no Processo de Aprendizagem.

ALUNO A. **Aluno A:** depoimento [18 out.2010]. Entrevistadora: Maria da Conceição Oliveira Sinop, MT, 2010. câmera digital (05 mim 21 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre Relação Aluno-Professor no Processo de Aprendizagem.

ALUNO B. **Aluno B:** depoimento [18 out.2010]. Entrevistadora: Maria da Conceição Oliveira Sinop, MT, 2010. câmera digital (04 mim 40 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre Relação Aluno-Professor no Processo de Aprendizagem.

ALUNO C. **Aluna C:** depoimento [20 out.2010]. Entrevistadora: Maria da Conceição Oliveira Sinop, MT, 2010. câmera digital (07 mim 13 seg). Entrevista concedida para a Monografia sobre Relação Aluno-Professor no Processo de Aprendizagem.